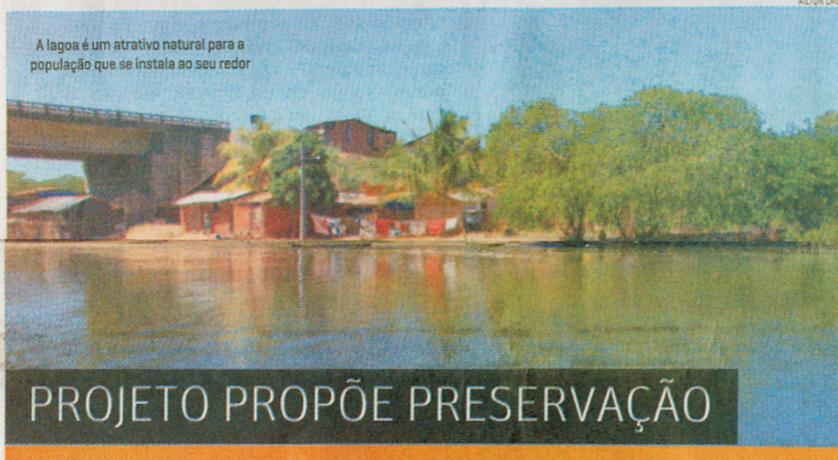




A lagoa é um atrativo natural para a população que se instala ao seu redor



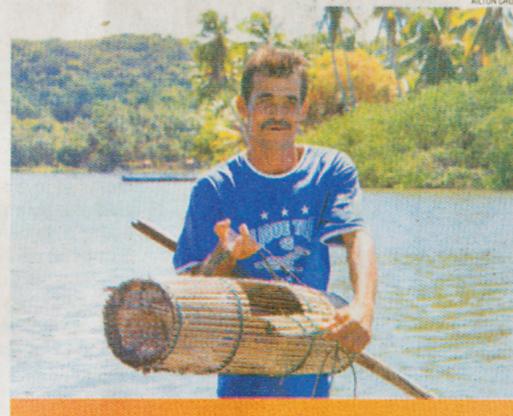
PROJETO PROPÕE PRESERVAÇÃO

Há inúmeras décadas, muito se falou ou sugeriu para a revitalização das lagoas. Ideias mirabolantes são jogadas no ar, investimentos milionários não surtem efeito, projetos com desvios de recursos começam e não terminam. Até hoje nenhum estudo científico sério começou a ser posto em prática.

No ano 2000, o governo federal e o governo estadual assinaram um protocolo de intenções para elaborar o Plano de Ações e Gestão Integrada do CELMM, já idealizado desde a década de 70. O projeto é grandioso e foi coordenado pela Agência Nacional das Águas (ANA). Com recursos do Proágua e do Projeto Oceano, só a elaboração do plano custou R\$ 1,1 milhão.

Apresentado apenas em 2006, o plano de ações prevê a realização de um diagnóstico referencial do complexo estuarino lagunar, produção de um banco de projetos, a curto, médio e longo prazos, avaliação de benefícios e custos, planejamento das ações, monitoramento e controle. Na época, o plano previa investimentos da ordem de R\$ 633 milhões, mas até hoje quase nada saiu do papel.

Esta semana, durante as programações do Mês do Meio Ambiente, o curso de Engenharia Ambiental da Ufal anunciou um projeto científico que propõe medidas de preservação ambiental. De acordo com o texto enviado pela Assessoria de Comunicação (Ascom) da Ufal, o Programa de Pós-Graduação em Recursos Hídricos e Saneamento da Universidade vai implantar um programa de monitora-



Com dez anos de idade seu Luiz Oliveira Filho, hoje com 44 anos, entrou pela primeira vez na lagoa para pescar: "Eu sou um filho da lagoa, ela é a mãe que nos dá de comer"

mento e modelagem para definir ações de conservação e uso sustentável dos recursos naturais, como peixes, moluscos e crustáceos.

"O objetivo é diagnosticar o estado atual dessas lagoas em termos de quantidade e qualidade da água e indicar conjuntos de regras de gestão para mitigar os impactos ambientais decorrentes das atividades antrópicas", explica o professor Carlos Ruberto Fragoso Júnior. O projeto é desenvolvido no Centro de Tecnologia (CTEC) da Ufal em parceria com a Secretaria Estadual de Pesca e Aquicultura.

DETALHES

Seguem mais alguns detalhes do projeto, de acordo com o texto enviado pela Ascom Ufal.

A ideia é implantar um programa de monitoramento e modelagem para definir ações de conservação e uso sustentável dos recursos naturais, como peixes, moluscos e crustá-

ceos. Num primeiro momento será feita a observação das variáveis de qualidade da água, como temperatura, turbidez, nível e ainda acidez, para então utilizar ferramentas computacionais para prever o efeito nas lagoas, decorrentes de ações antrópicas.

Para o Professor Ruberto é preciso, por exemplo, analisar os impactos do crescimento populacional em alguns anos, quando consequentemente haverá mais esgotos e cargas de nutrientes nos estuários. "Com essas ferramentas podemos quantificar o impacto ambiental, porque elas permitem dar uma resposta ao comportamento do sistema perante o aumento da população. Pretendemos aplicá-las para fazer esse prognóstico, fazendo uma avaliação dos cenários futuros decorrentes dos impactos ambientais".

O resultado desse trabalho é importante para planejar medidas preventivas a fim de controlar a

degradação, que, segundo estudos, pode esgotar os recursos naturais utilizados por parte dos alagoanos.

É importante destacar que mesmo se não houvesse população ao redor ou o crescimento urbano na região, naturalmente as cargas orgânicas iriam desaguar na lagoa e alteraria a qualidade da água. Assim lentamente o estuário vai modificando suas características em milhares de anos, mas o homem acelera esse processo para poucas décadas, do mesmo modo como está acontecendo em Alagoas.

Os impactos já são perceptíveis em imagens captadas por satélite. A cheia de 2010 mudou a comunicação da Lagoa Manguaba com o mar, porque a foz, que já estava com uma estreita passagem de água devido ao assoreamento, não aguentou o volume e formou outro canal de vazão, alterando o percurso natural da bacia hidrográfica. MG

* Com assessoria de Comunicação da Ufal

o hectare mais produtivo em proteína animal do mundo, sofre os efeitos da poluição

FONTE. População tira o sustento das águas da Mundaú e Manguaba

VIDA SE MULTIPLICA AO REDOR DAS LAGOAS

MAURÍCIO GONÇALVES
REPÓRTER

Um levantamento do IMA aponta que a Mundaú já foi considerada o local com o hectare mais produtivo em proteína animal em todo o mundo. Durante a 2ª Guerra Mundial, na década de 1940, o Exército dos Estados Unidos descobriu esta riqueza e a explorou sem nenhum controle. Os oficiais da base militar norte-americana instalada em Maceió deram ordens para a exploração de pesca predatória para fornecer rações às tropas enviadas à Europa, Japão e outros cantos em guerra.

A facilidade de se obter o recurso natural abundante em proteína despertou a ganância dos americanos para iguarias como as ovas da curimã, que também eram exportadas em grande escala para servir como caviar à elite americana. Segundo o relatório do IMA, as carcaças dos peixes eram jogadas fora. Nesta época, o estoque pesqueiro sofreu reduções drásticas na lagoa, inclusive de outras espécies, como a tainha, o cambiro e o sururu.

As lagoas têm o incrível poder de se renovar, por mais que sofram agressões. A troca diária de água com o mar faz a vida brotar novamente. E onde há peixes, crustáceos e mariscos, há mãos calejadas trabalhando, estômagos famintos e bocas infantis para alimentar. É a sina do pescador canoeiro.

Que o diga o seu Luiz Oliveira Filho, 44 anos, que manipula com afinco os covos e teteias na busca por siris para alimentar os filhos em casa, próximo ao povoado de Riacho Velho, na Lagoa Manguaba. Ao contrário da maioria dos pescadores locais, ele não aprendeu o ofício com o pai ou algum parente.

"Com dez anos de idade, eu comecei a entrar na lagoa sozinho, para pescar, aprendi tudo com ela mesmo. Eu sou um filho da lagoa, ela é a mãe que nos dá de comer", diz Luiz Filho.

"A lagoa é um atrativo natural da população que se instala ao seu redor, é uma fonte natural de proteína, alimentação grátis", observa Ricardo César, diretor do IMA, lembrando que a ocupação no entorno ainda era maior antes do advento do programa Bolsa Família.

A vida se multiplica na lagoa e ao redor dela. O pedreiro José Carlos Silva trabalhava sozinho para reforçar as paredes de uma casa de taipa para a filha grávida. Fica embaixo da ponte, mas não é qualquer ponte. É a ponte do Broma, de frente para um dos trechos mais paradisíacos e ricos em fauna do Canal de Dentro.

"Tem quarto, sala e cozinha. Com esta casa nova, espero que a vida da minha filha fique melhor", dizia orgulhoso o velho pedreiro, enquanto apilava o pé no barro e colocava mais uma pataca com as duas mãos cheias na parede. Sensível ao ato de amor do pai, Valdilene Góes da Silva não escondia a emoção, o choro e o barrigão de nove meses. "Que Nossa Senhora do Bom Parto lhe dê uma boa hora".

Frase

RICARDO CÉSAR
DIRETOR DO INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE (IMA)

"A lagoa é um atrativo natural da população que se instala ao seu redor, é uma fonte natural de proteína, alimentação grátis"

LAGOA MÃE

Por que chamamos as lagoas de mães?
Só mãe tanto sofrimento pode suportar
A natureza produz nela a riqueza
Mas logo vem a poluição matar

Por isso o nosso grande apelo
É cuidar de revitalizar
A mundaú também tem projetos
Mas estão parados
É preciso tirar do papel
E botar pra funcionar.

TOINHO (PESCADOR)